

LIÇÃO 13 - Verdade e Falsidade em Proposições Singulares Opostas sobre o Futuro em Matéria Contingente

18a 28 Nas enunciações sobre o que é ou aconteceu, a afirmação ou a negação deve ser verdadeira ou falsa. E nas enunciações de universais como universais, uma é sempre verdadeira e a outra falsa, e também nas enunciações de singulares, como foi dito; mas nas enunciações de universais não tomados universalmente, não é necessário que uma seja verdadeira e a outra falsa. Já falamos sobre estas.

No entanto, nas enunciações sobre coisas singulares futuras o caso não é o mesmo.

18a 34 Pois se toda afirmação ou negação é verdadeira ou falsa, então tudo pertence ou não pertence a uma coisa necessariamente;

18a 35 pois se uma pessoa diz que uma coisa será tal, e outra diz que não será esta mesma coisa, claramente um deles deve estar falando a verdade se toda afirmação é verdadeira ou falsa. Pois não pertencerá e não pertencerá à coisa simultaneamente em tais casos.

18a 39 Pois se é verdadeiro dizer que uma coisa é branca ou não é branca, ela deve necessariamente ser branca ou não branca. E se ela é branca ou não branca, era verdadeiro afirmá-la ou negá-la. E se não lhe pertence, é falso dizer que lhe pertence, e se é falso dizer que lhe pertence, então não lhe pertence. Consequentemente, é necessário que ou a afirmação ou a negação seja verdadeira. Se isto é assim, então nada é, ou acontece, fortuitamente ou indeterminadamente em relação a duas alternativas, ou será ou não será; mas tudo acontece por necessidade e não é indeterminado a qualquer uma das duas alternativas (pois a suposição é que ou aquele que afirma ou aquele que nega está falando a verdade). Considerando que, se tudo não acontece por necessidade, poderia igualmente acontecer ou não acontecer, pois o que é indeterminado a qualquer uma das duas alternativas acontece ou acontecerá não mais deste modo do que do outro.

18b 9 Além disso, em tal suposição, se algo é agora branco, era verdadeiro dizer anteriormente que seria branco; portanto, era sempre verdadeiro dizer de qualquer coisa que aconteceu que será. Mas se era sempre verdadeiro dizer que é ou será, não é possível que isto não seja, nem que não será; e quando uma coisa não pode não acontecer, é impossível que não aconteça, e quando é impossível que não aconteça, é necessário que aconteça; todas as coisas que serão, então, devem necessariamente acontecer. Portanto, nada será indeterminado a qualquer uma das duas alternativas, nem fortuito; pois se fosse fortuito, não aconteceria por necessidade.

18b 17 Mas ainda não é possível dizer que nenhuma é verdadeira; isto é, dizer que uma coisa nem acontecerá nem não acontecerá.

18b 18 Em primeiro lugar, embora a afirmação seja falsa, a negação não será verdadeira, e embora a negação seja falsa, a afirmação não será verdadeira.

18b 20 Em segundo lugar, se é verdadeiro dizer que uma coisa é branca e grande, ambas necessariamente lhe pertencem; e se lhe pertencerão no dia seguinte, necessariamente lhe pertencerão no dia seguinte. Mas se uma coisa nem será nem não será amanhã, ela não seria indeterminada para qualquer uma das duas alternativas. Por exemplo, no caso de uma batalha naval, seria necessário que a batalha naval nem ocorresse nem não ocorresse amanhã.

1. Agora que tratou da oposição das enunciações e mostrou o modo pelo qual as enunciações opostas dividem a verdade e a falsidade, o Filósofo investiga uma questão que poderia surgir, a saber, se o que foi dito se verifica em todas as enunciações ou não. E primeiro propõe uma dessemelhança nas enunciações quanto à divisão da verdade e da falsidade, depois a prova onde diz: Pois se toda afirmação ou negação é verdadeira ou falsa, etc.

2. Em relação à dessemelhança que ele pretende provar, devemos recordar que o Filósofo deu três divisões da enunciação. A primeira foi em relação à unidade da enunciação, e segundo esta, divide-se em uma simplesmente e uma por conjunção; a segunda foi em relação à qualidade, e segundo esta, divide-se em afirmativa e negativa; a terceira foi em relação à quantidade, e segundo esta, é ou universal, particular, indefinida ou singular.

3. Aqui ele trata de uma quarta divisão da enunciação, uma divisão segundo o tempo. Algumas enunciações são sobre o presente, algumas sobre o passado, algumas sobre o futuro. Esta divisão pode ser vista no que Aristóteles já disse, a saber, que toda enunciação deve ter um verbo ou um modo de um verbo, sendo o verbo aquilo que significa o tempo presente, os modos com tempo passado ou futuro.

Além disso, pode-se fazer uma quinta divisão da enunciação, uma divisão quanto à matéria. Ela é tomada da relação do predicado com o sujeito. Se o predicado está por si no sujeito, será dito ser uma enunciação em matéria necessária ou natural. Exemplos disso são "O homem é um animal" e "O homem é capaz de rir". Se o predicado é por si repugnante ao sujeito, como excluindo a noção dele, é dito ser uma enunciação em matéria impossível ou remota; por exemplo, a enunciação "O homem é um asno". Se o predicado está relacionado ao sujeito de um modo intermediário entre esses dois, não sendo nem por si repugnante ao sujeito nem por si nele, a enunciação é dita ser em matéria possível ou contingente.

4. Dadas essas diferenças das enunciações, o juízo de verdade e falsidade não é igual em todas. Por conseguinte, o Filósofo diz, como conclusão do que foi estabelecido: Nas enunciações sobre o que é, i.e., em proposições sobre o presente, ou aconteceu, i.e., em enunciações sobre o passado, a afirmação ou a negação deve ser determinadamente verdadeira ou falsa. No entanto, isso difere de acordo com a diferente quantidade das enunciações. Nas enunciações em que algo é predicado universalmente de sujeitos universais, uma deve ser sempre verdadeira, ou a afirmativa ou a negativa, e a outra falsa, i.e., a oposta a ela. Pois, como foi dito acima, a negação de uma enunciação universal em que algo é predicado universalmente não é a negativa universal, mas a negativa particular, e inversamente, a negativa universal não é diretamente a negação da afirmativa universal, mas a negativa particular. Segundo o que foi dito, então, uma dessas deve ser sempre verdadeira e a outra falsa em qualquer matéria que seja. E o mesmo é o caso nas enunciações singulares, que também são opostas contraditoriamente. No entanto, nas enunciações em que algo é predicado de um universal, mas não universalmente, não é necessário que uma seja sempre verdadeira e a outra falsa, pois ambas podem ser verdadeiras ao mesmo tempo.

5. O caso como foi exposto agora tem a ver com proposições sobre o passado ou o presente. As enunciações sobre o futuro que são de universais tomados universalmente ou não universalmente também são relacionadas da mesma maneira quanto às oposições. Em matéria necessária, todas as enunciações afirmativas são determinadamente verdadeiras; isso vale para enunciações em tempo futuro, bem como em tempo passado e presente; e as enunciações negativas são determinadamente falsas. Em matéria impossível, o contrário é o caso. Em matéria contingente, no entanto, as enunciações universais são falsas e as enunciações particulares verdadeiras. Este é o caso em enunciações sobre o futuro, bem como as do passado e presente. Em enunciações indefinidas, ambas são verdadeiras ao mesmo tempo em enunciações futuras, bem como nas do presente ou do passado.

6. Nas enunciações singulares futuras, no entanto, há uma diferença. Nas enunciações singulares passadas e presentes, um dos opostos deve ser determinadamente verdadeiro e o outro falso em qualquer matéria que seja, mas nas singulares que são sobre o futuro, não é necessário que um seja determinadamente verdadeiro e o outro falso. Isso vale com respeito à matéria contingente; com respeito à matéria necessária e impossível, a regra é a mesma que nas enunciações sobre o presente e o passado.

Aristóteles não mencionou a matéria contingente até agora porque aquelas coisas que acontecem contingentemente pertencem exclusivamente aos singulares, enquanto aquelas que por si pertencem ou são repugnantes são atribuídas aos singulares de acordo com as noções de seus universais.

Aristóteles está, portanto, inteiramente preocupado aqui com esta questão: se nas enunciações singulares sobre o futuro em matéria contingente é necessário que um dos opostos seja determinadamente verdadeiro e o outro determinadamente falso.

7. Ele prova que há uma diferença entre esses opostos e os outros onde diz: Pois se toda afirmação ou negação é verdadeira ou falsa, etc. Primeiro ele prova mostrando que a posição oposta leva ao que é improvável; em segundo lugar, mostra que o que se segue desta posição é impossível, onde diz: Essas consequências absurdas e outras como elas, etc. Em sua prova, ele primeiro mostra que

nas enunciações sobre futuros singulares, a verdade não pode ser sempre atribuída determinadamente a um dos opostos, e então mostra que ambos não podem carecer de verdade, onde diz: Mas ainda não é possível dizer que nenhum é verdadeiro, etc. Ele dá dois argumentos em relação ao primeiro ponto. No primeiro deles, ele afirma uma certa consequência, a saber, que se toda afirmação ou negação é determinadamente verdadeira ou falsa, nos futuros singulares como nos outros, segue-se que todas as coisas devem determinadamente ser ou não ser. Ele prova esta consequência onde diz: por isso, se uma pessoa diz, etc., ou como está no grego, pois se uma pessoa diz que algo será, etc. Suponhamos, ele argumenta, que haja dois homens, um dos quais diz que algo acontecerá no futuro, por exemplo, que Sócrates correrá, e o outro diz que esta mesma coisa não acontecerá. Se a posição anterior for suposta — que nas enunciações singulares futuras um deles será verdadeiro, ou a afirmativa ou a negativa — seguir-se-ia que apenas um deles está dizendo o que é verdadeiro, porque nas proposições singulares futuras ambos não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo, isto é, tanto a afirmativa quanto a negativa. Isso ocorre apenas em proposições indefinidas. Além disso, do fato de que um deles deve estar falando a verdade, segue-se que deve determinadamente ser ou não ser. Então ele prova isso a partir do fato de que esses dois se seguem um ao outro de modo conversível, a saber, a verdade é aquilo que é dito e que é assim na realidade. E isto é o que ele manifesta quando diz que, se é verdadeiro dizer que uma coisa é branca, necessariamente se segue que é assim na realidade; e se é verdadeiro negá-lo, necessariamente se segue que não é assim. E inversamente, pois se é assim na realidade, ou não é, necessariamente se segue que é verdadeiro afirmá-lo ou negá-lo. A mesma conversibilidade também é evidente no que é falso, pois se alguém mente, dizendo o que é falso, necessariamente se segue que na realidade não é como ele afirma ou nega que seja; e inversamente, se não é na realidade como ele afirma ou nega que seja, segue-se que ao afirmá-lo ou negá-lo ele mente.

8. O processo do raciocínio de Aristóteles é o seguinte. Se é necessário que toda afirmação ou negação sobre futuros singulares seja verdadeira ou falsa, é necessário que todo aquele que afirma ou nega, diga determinadamente o que é verdadeiro ou falso. Disto se segue que é necessário que tudo seja ou não seja. Portanto, se toda afirmação ou negação é determinadamente verdadeira, é necessário que tudo determinadamente seja ou não seja. Disto ele conclui ainda que todas as coisas são por necessidade. Isso excluiria os três tipos de coisas contingentes.

9. Os três tipos de coisas contingentes são estes: algumas, as que acontecem por acaso ou fortuna, acontecem raramente; outras são indeterminadas para qualquer uma das duas alternativas porque não estão inclinadas mais para uma parte do que para outra, e estas procedem da escolha; outras ainda ocorrem na maioria das vezes, por exemplo, homens ficando grisalhos na velhice, o que é causado pela natureza. Se, no entanto, tudo acontecesse por necessidade, não haveria nenhum desses tipos de coisas contingentes. Portanto, Aristóteles diz, nada é quanto à própria permanência daquelas coisas que são contingentemente permanentes; ou acontece quanto àquelas que são causadas contingentemente; por acaso quanto àquelas que acontecem na menor parte, ou raramente; ou é indeterminado para qualquer uma das duas alternativas quanto àquelas que estão relacionadas igualmente a qualquer uma das duas, i.e., ao ser ou ao não ser, e são determinadas a nenhuma delas, o que ele significa quando acrescenta, ou será, ou não será.

Pois daquilo que é mais determinado a uma parte podemos verdadeira e determinadamente dizer que será ou não será, como por exemplo, o médico verdadeiramente diz do convalescente: "Ele será restaurado à saúde", embora talvez por algum acidente sua cura possa ser impedida. O Filósofo faz este mesmo ponto quando diz em *II De generatione* [11: 337b 7], "Um homem prestes a andar pode não andar". Pois pode ser verdadeiramente dito de alguém que tem a intenção determinada de andar que ele andar, embora por algum acidente seu andar possa ser impedido. Mas no caso daquilo que é indeterminado para qualquer uma das duas, não pode ser dito determinadamente dele nem que será nem que não será, pois é próprio dele não ser determinado mais a um do que a outro.

Ele então mostra como, a partir da hipótese anterior, segue-se que nada é indeterminado em relação a um dos dois quando acrescenta que, se toda afirmação ou negação é verdadeira de modo determinado, então ou aquele que afirma ou aquele que nega deve estar falando a verdade. Aquilo que é indeterminado em relação a um dos dois é, portanto, destruído, pois se algo é indeterminado em relação a um dos dois, estaria igualmente relacionado a ocorrer ou não ocorrer, e não mais a um do que ao outro.

Deve-se notar que o Filósofo não está excluindo expressamente o contingente que ocorre na maioria das vezes. Há duas razões para isso. Em primeiro lugar, esse tipo de contingência ainda exclui a verdade determinada de uma das enunciações opostas e a falsidade da outra, como foi dito. Em segundo lugar, quando o contingente infrequente, isto é, aquele que ocorre por acaso, é removido, o contingente que ocorre na maioria das vezes é removido como consequência, pois não há diferença entre aquilo que ocorre na maioria das vezes e aquilo que é infrequente, exceto que o primeiro falha na minoria das vezes.

10. Quando ele diz: *Além disso, em tal suposição, se algo agora é branco, era verdadeiro dizer anteriormente que será branco, etc.*, ele apresenta um segundo argumento para mostrar a dissimilaridade das enunciações sobre singulares futuros. Este argumento é por redução ao impossível. Se a verdade e a falsidade estão relacionadas de maneira semelhante nas enunciações presentes e futuras, segue-se que tudo o que é verdadeiro sobre o presente também era verdadeiro sobre o futuro, da mesma forma que é verdadeiro sobre o presente. Mas agora é verdadeiro de modo determinado dizer de algum singular que ele é branco; portanto, anteriormente, isto é, antes de se tornar branco, era verdadeiro dizer que isto será branco. Ora, o mesmo raciocínio parece valer para o próximo e o remoto. Portanto, se ontem era verdadeiro dizer que isto será branco, segue-se que sempre foi verdadeiro dizer de qualquer coisa que ocorreu que ela será. E se é sempre verdadeiro dizer do presente que ele é, ou do futuro que ele será, não é possível que isto não seja, ou que não será. A razão para essa consequência é evidente, pois estas duas coisas não podem coexistir: que algo seja verdadeiramente dito ser, e que não seja; pois isso está incluído na significação do verdadeiro, que aquilo que é dito, é. Se, portanto, aquilo que é dito sobre o presente ou o futuro é posto como verdadeiro, não é possível que isto não seja no presente ou no futuro. Mas aquilo que não pode não ocorrer significa o mesmo que aquilo que é impossível não ocorrer. E aquilo que é impossível não ocorrer significa o mesmo que aquilo que ocorre necessariamente, como será explicado mais detalhadamente no segundo livro. Segue-se, portanto, que todas as coisas que são futuras devem necessariamente ocorrer. Disso segue-se ainda que não há nada que seja indeterminado em relação a um dos dois ou que ocorra por acaso, pois o que acontece por acaso não ocorre por necessidade, mas acontece infrequentemente. Mas isso é

improvável. Portanto, a primeira proposição é falsa, isto é, que de tudo aquilo de que é verdadeiro que é, era verdadeiro de modo determinado dizer que seria.

11. Para esclarecimento deste ponto, devemos considerar o seguinte. Como "verdadeiro" significa que algo é dito ser o que é, algo é verdadeiro na medida em que tem ser. Ora, quando algo está no presente, existe em si mesmo e, portanto, pode ser verdadeiramente dito dele que é. Mas enquanto algo é futuro, ainda não existe em si mesmo, mas está de certa forma em sua causa, e isso de três maneiras. Pode estar em sua causa de tal forma que dela procede necessariamente. Nesse caso, tem ser determinado em sua causa e, portanto, pode ser dito de modo determinado que será. De outra forma, algo está em sua causa como tendo uma inclinação para seu efeito, mas pode ser impedido. Isto, então, é determinado em sua causa, mas de modo mutável e, portanto, pode ser verdadeiramente dito que será, mas não com total certeza. Em terceiro lugar, algo está em sua causa puramente em potência. Este é o caso em que a causa ainda não está determinada mais a uma coisa do que a outra e, conseqüentemente, não pode ser dito de modo determinado que isso vai ser, mas que vai ou não vai ser.

12. Então Aristóteles diz: *Mas ainda assim não é possível dizer que nenhum dos dois é verdadeiro, etc.* Aqui ele mostra que a verdade não falta completamente a ambos os opostos nas enunciações singulares futuras. Primeiro ele diz que, assim como não é verdadeiro dizer que em tais enunciações um dos opostos é verdadeiro de modo determinado, também não é verdadeiro dizer que nenhum dos dois é verdadeiro; como se pudéssemos dizer que uma coisa nem ocorrerá nem deixará de ocorrer.

Então, quando ele diz: *Em primeiro lugar, embora a afirmação seja falsa, etc.*, ele apresenta dois argumentos para provar seu ponto. O primeiro é o seguinte. Afirmação e negação dividem o verdadeiro e o falso. Isso é evidente a partir da definição de verdadeiro e falso, pois ser verdadeiro é ser o que de fato é, ou não ser o que de fato não é; e ser falso é ser o que de fato não é, ou não ser o que de fato é. Conseqüentemente, se a afirmação é falsa, a negação deve ser verdadeira, e vice-versa. Mas se a posição é tomada de que nenhum dos dois é verdadeiro, a afirmação "Isto será" é falsa, mas a negação não é verdadeira; da mesma forma, a negação será falsa e a afirmação não será verdadeira. Portanto, a posição mencionada é impossível, isto é, que a verdade falte a ambos os opostos.

O segundo argumento começa onde ele diz: *Em segundo lugar, se é verdadeiro dizer que uma coisa é branca e grande, etc.* O argumento é o seguinte. Se é verdadeiro dizer algo, segue-se que isso é. Por exemplo, se é verdadeiro dizer que algo é grande e branco, segue-se que é ambas as coisas. E isso vale para o futuro como para o presente, pois se é verdadeiro dizer que será amanhã, segue-se que será amanhã. Portanto, se a posição de que nem será nem deixará de ser amanhã é verdadeira, será necessário que nem ocorra nem deixe de ocorrer, o que é contrário à natureza daquilo que é indeterminado em relação a um dos dois, pois aquilo que é indeterminado em relação a um dos dois está relacionado a qualquer um; por exemplo, uma batalha naval ocorrerá amanhã, ou não. As mesmas coisas improváveis seguem, então, disso como do primeiro argumento.